

A Melancolia na lírica de Ruy Espinheira Filho.

Mayara Michele Santos de Novais (mestranda/ UEFS)¹

Orientador: Professor Doutor Aleilton Fonseca²

Resumo: Este trabalho consiste numa abordagem dos poemas “Flor de junho” presente no livro *Poesia reunida e inéditos* (1998) e também publicado na obra *Elegia de Agosto e outros poemas* (2005); e “Soneto Noturno” lançado em *Sob o Céu de Samarcanda* (2009). O objetivo desta comunicação é discutir por meio destes poemas citados, especificamente, e de outros poemas espinheirianos que apresentam também esse traço melancólico, como o eu lírico reconhece e reflete sobre a vida, a presença da melancolia na poesia espinheiriana, valendo-se muitas vezes da memória, mas sem saudosismo. A configuração dos poemas põe em questão a ideia de que a memória é sempre nostálgica, desejo de voltar ao passado e que a melancolia é quase uma depressão, uma vez que os estudos diferenciam a melancolia do luto, da depressão, da tristeza propriamente dita.

Palavras-chave: Melancolia; poesia; Flor de Junho; Soneto Noturno; Ruy Espinheira Filho.

1. Introdução:

O presente trabalho tem como objetivo analisar dois poetas de Ruy Espinheira Filho, sendo eles “Flor de Junho” e “Soneto Noturno”. A escolha do objeto pautou-se pela realização de um projeto de monitoria na UNEB em “Literatura Baiana”, que resultou na monografia de graduação em Letras Vernáculas e atualmente, no projeto de mestrado que venho desenvolvendo na UEFS, cuja dissertação trabalhará com a poesia de Ruy Espinheira Filho focalizando na memória e melancolia presente na obra poética do autor baiano. Este estudo apóia-se nas concepções de Freud (1992), Walter Benjamin (1991), Marques (1998), Olgária Matos (1987 e 1995), Mendes (1999), Scliar (2003), entre outros teóricos que discutem acerca da melancolia. Trata-se de uma leitura imanente dos poemas, na tentativa de perceber a constância da melancolia no lirismo espinheiriano.

Há muitos conceitos e a história do surgimento da melancolia é ampla, Moser num artigo do livro *Narrativas da modernidade* comenta sobre as origens da melancolia, entre a mitologia (Cronos), astrologia, pois dizem que ele é regida por Saturno e ainda pela patologia humoral, a bile. Moser ainda relata sobre textos fundadores da melancolia, sendo “um, pictural, a gravura *Melancolia I* (1514) de Albrech Durer; o outro, filosófico: o tratado *De vita triplici* (1482), de Marsílio Ficino, que lhe propõe um enobrecimento, fazendo do sujeito melancólico o gênio criador” (MOSER, 1999, p. 50).

Walter Benjamin é outro estudioso da melancolia. No texto de Luiz Carlos Lima, ele nos aponta que “com Benjamin, a dialética de Saturno faz sua entrada na modernidade. Explorando esteticamente e

¹ Mestranda em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Pós graduanda em Literatura Brasileira: Formação do cânone e contrapontos críticos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail para contato: flormichele@yahoo.com.br

² Professor titular pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

dissecando conceitualmente o logos da noturnidade melancólica” (LIMA, 2003, p. 101) e Rouanet postula também que Saturno é considerado o planeta que rege a melancolia, sendo “o planeta mais elevado, e por isso pode produzir homens contemplativos, alheios a qualquer atividade terrena” (ROUANET, 2007, p. 232).

A melancolia já estudada por Benjamin no dito período Barroco, destacada na fase do Romantismo aparece na modernidade novamente, mas com nova roupagem. Sem desejo de ser nostálgico, de suicídio; o poeta moderno e contemporâneo sente pela melancolia um impulso criativo, visto que pensar na vida nos remete à melancolia, refletir as perdas que ocorrem com o passar dos anos. Conforme Andréa Pereira a melancolia é uma característica da modernidade, uma vez que “a exagerada confiança nos avanços científicos e tecnológicos, e a promessa velada de que, a partir de então, o homem reinaria soberano sobre si mesmo e sobre o mundo, ruiu e deu lugar a uma atmosfera oposta: a melancolia (...)” (PEREIRA, 2010, p. 26-27), ideia defendida por Reinaldo Marques em “Tempos modernos, poetas melancólicos”.

O próprio poeta Ruy Espinheira Filho em entrevista a Elieser César quando perguntado sobre se a memória na sua poesia não a torna melancólica, ele responde “quando eu reflito fico melancólico, porque a vida é melancólica” (CESAR, 2010, online), uma vez que sabemos sobre o que passou e pensar no passado é reconhecer as perdas e as mudanças, que quase sempre nos remetem à melancolia.

2. Análise dos poemas “Flor de Junho” e “Soneto Noturno”:

FLOR DE JUNHO

Tua lembrança nasce em mim, digamos,
como uma flor de junho: úmida, fria,
curvada ao vento e à melancolia
do que vivemos. Mais: do que deixamos

de viver (penso nisto, assim, digamos,
mordido de remorsos). Quem diria
que viria tão rápido este dia
em que eu veria que passei, passamos?

Flor de junho... Essa história, outras histórias
por quanto ainda, assim, dessas memórias
Suportarei? E o Corvo Nunca Mais

me pousa no ombro. E, vendo a comoção
lavrando-me, me afaga e me diz: “Não
há de ser nada- amanhã tem mais”. (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65).

SONETO NOTURNO

Penso na noite como um rio profundo
e lembro coisas deste e de outro mundo.
Outros mundos, aliás, que a vida é vasta
como diversa. E mesmo assim não basta,

o que nos faz tecer ainda outras vidas
nas nuvens da alma, e que nos são vividas
com tanta força quanto as outras mais,
em seus sonhos de agora e de jamais

(ou melhor: com mais força, pois que estamos
ainda mais vivos no que nos sonhamos).

Penso na noite como um mar sem fim

quebrando sombras sobre o cais de mim.

E, enfim, sem esperanças e sem prece,

pressinto a noite que não amanhece. (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28).

Partindo da análise dos poemas citados, começaremos com o poema “Flor de Junho”, analisando primeiramente o aspecto formal, percebe-se tratar de um soneto, com 14 versos divididos entre 4 estrofes, sendo dois quartetos e dois tercetos. Interessante notar que é um soneto com rimas interpoladas, que na primeira estrofe apresenta as rimas ABBA assim como na segunda estrofe, já a terceira aparece com rimas CCD e a quarta estrofe EED. São versos decassílabos, forma bem clássica da poesia, pelo próprio soneto, uso de rimas e de metrificação, apesar de escrito numa época contemporânea, como já mencionado, poema publicado em 1998 na sessão de inéditos do livro lançado pela Record em 1998, o *Poesia Reunida e Inéditos*, e presente no livro da Bertrand Brasil (2005), *Elegia de Agosto e Outros poemas*. Outro dado apresentado no poema é o uso do encadeamento ou *enjambement*, precisando muitas vezes do verso seguinte para completar o sentido do verso anterior.

O autor baiano se caracteriza por não seguir uma norma fixa, não se prende totalmente ao clássico, mas também não só escreve poemas com versos livres e brancos, ressaltando um marco já do Modernismo que é a liberdade para escrever, ou seja, não se limita a somente uma forma, assim como também por ser contemporâneo não poder escrever da forma já consagrada pela literatura canônica.

Partindo do título, flor remete à beleza, ao perfume que por sua vez sugere lembranças, passado, que é marca da melancolia. Flor ainda pode ser considerada como alimento para pássaros (como o beija-flor, as abelhas), o centro da planta que impulsiona ao estado vital. Os sentidos são elementos que remetem à

memória, e se relacionarmos também aos conceitos de melancolia faz muito sentido, visto que Olgária Matos considera um sujeito melancólico aquele que “tem dificuldade de esquecer, que fica preso ao passado” (MATOS, 1987, p. 16), assim ao retornar, semanticamente voltamos ao já acontecido. Há a ideia de que flor representa as almas dos mortos ou no funeral sempre colocam flores no caixão, jogam pétalas após o sepultamento, e muitos ainda colocam nas mãos dos mortos flores, numa ligação entre morte, vida e flores. Estudos revelam que a melancolia muitas vezes é associada ao luto, afinal muitas das características melancólicas são tomadas de empréstimo do próprio luto. Freud relaciona a melancolia “com uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente” (FREUD, 1992, p. 113), segundo ele o melancólico nem sempre sabe o porquê da melancolia, não sabe exatamente o que perdeu, mas sente-se abatido (atitude que quem faz o luto quase sempre desempenha) e por isso, torna-se um indivíduo ensimesmado.

Continuando com o título, junho é o mês do fim do outono e início do inverno, outono período de transformação, estação em que guarda semelhanças com o verão e com o inverno, analogicamente diríamos um sujeito preso ao passado, vivendo o presente e com esperanças no futuro. Junho também é o mês do inverno, período mais frio, chuvoso, paralelamente uma estação em que o ensimesmamento se dá quase que naturalmente, as pessoas tendem a ficar mais em casa, a ficarem mais centradas em si mesmas. Estação fria, que no livro de Moacyr Scliar sobre melancolia, o autor comenta que Benjamin ao analisar a gravura de Durer diz que a pedra “dura e fria, é um símbolo da melancolia” (SCLIAR, 2003, p. 85), então podemos dizer que o frio é um símbolo melancólico.

A primeira estrofe já remete ao passado, à lembrança, ou seja, a flor de junho que fala o eu lírico melancólico do poema. O eu lírico compara a lembrança que ocorre nele e a partir dele a uma flor de junho, a qual é caracterizada de “úmida, fria, curvada ao vento e à melancolia” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65), como já mencionado, elementos próprios do perfil melancólico. O eu lírico começa declarando o seguinte:

Tua lembrança nasce em mim, digamos,
como uma flor de junho: úmida, fria,
curvada ao vento e à melancolia
do que vivemos. (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65).

O próprio eu lírico se mostra melancólico ao reconhecer seu passado, ou seja, o que viveu. A flor quase sempre curva-se ao sol, mas esta por ser melancólica curva-se ao vento e à própria melancolia. Ainda no 4º verso do primeiro quarteto, o sujeito lírico acrescenta o mais, advérbio de adição, que além da melancolia que viveu existe a melancolia do que não viveu. Outro ponto da melancolia é o impasse existente ao passado, o sujeito que fica preso porque há questões não resolvidas, o dito “Se” da questão. Se o eu lírico tivesse vivido, se tivesse feito de tal maneira ou de outra, enfim, se tivesse, se vivesse, mas não fez, não teve, não viveu. Conforme Freud “o melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento de

auto-estima, um enorme empobrecimento do ego. No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego” (FREUD, 1992, p. 133).

O sujeito melancólico do poema vive “mordido de remorsos” pelo que não viveu no passado, segundo a lírica “Mais: do que deixamos/ de viver (penso nisto, assim, digamos,/ mordido de remorsos)” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65). Mendes acrescenta quanto conceitos acerca da melancolia que “o final do milênio nos aponta para um rol de questionamentos. Inseguro quanto ao futuro, o homem de hoje apresenta uma grande tendência à melancolia e à depressão” (MENDES, 1999, p. 113-114).

O eu lírico se indaga, perguntando “Quem diria/ que viria tão rápido este dia/ em que eu veria que passei, passamos?” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65), com verbos no futuro do pretérito e no pretérito, sempre retomando o passado seja o passado presente ou o mais longínquo. Por viver no presente retomando o passado, visto que o eu lírico acredita que tudo passou muito rápido e ele ainda não se desligou do tempo pretérito, por isso o questionamento.

Interessante destacar que a melancolia tem que ser entendida desvinculada da tristeza, que é algo aparentemente normal no processo de existência humana, também desvinculada da depressão, que realmente já foi comprovado se tratar de uma doença que apresenta no quadro de sintomas a melancolia e a tristeza. Também diferenciar a melancolia do luto, tarefa empenhada por Sigmund Freud no seu texto “Luto e Melancolia” definindo que “a melancolia tem por conteúdo algo mais do que o luto normal. Nela a relação com o objeto não é nada simples e se complica pelo conflito de ambivalência.” (FREUD, 1992, p. 139).

O homem moderno encontra-se perdido, reconhecendo que falta algo, mas sem saber o quê e evitando fazer o luto vive essa incógnita de viver. Melancolia não é tédio simplesmente, mas o melancólico é “um ser pensante em perplexidade” (MATOS, 1995, p. 151), que se absorve em pensamentos.

A terceira estrofe composta por três versos é uma síntese do poema, uma retomada do título e as histórias que fizeram a existência do sujeito poético. Para se estudar melancolia não há como separa-la da memória, sendo as duas atitudes quase que interrelacionadas, afinal memória é o próprio ato de evocar o passado, de recordar, da lembrança e a melancolia é o constante passado fazendo-se presente por meio das recordações. Proust já mencionava essa ligação que não há como ser separada, não há como ter melancolia sem memória e vice versa. O terceto apresenta “Flor de junho... Essa história, outras histórias/ por quanto ainda, assim, dessas memórias/ suportarei?” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65), o ato melancólico consiste na lembrança triste, lembrar-se, ficar preso ao que passou, pois não foi esclarecido, ainda restam impasses que doem ao serem memorados. Não só uma história, mas muitas, memórias individuais e coletivas que o sujeito lírico precisa suportar para viver, pois é a própria vida.

Interessante que um traço é próprio da lírica espineiriana, diferente das concepções de melancolia saudosista, o eu lírico no poema de Ruy Espinheira Filho reconhece seu passado, fica preso ao que não foi resolvido, ao que poderia ter feito ou que poderia ter feito diferente, mas não com saudade do tempo pretérito, ou com desejo de retorno ao passado. Sujeito melancólico que lembra, que existe porque existe com suas lembranças, porque a única coisa que temos realmente nossa são nossas ações já ocorridas, o que somos é a nossa memória, e quase sempre melancólica ao ser revisitada.

Um elemento forte que aparece no poema é a figura do Corvo, que pela simbologia apresenta muitas definições. Para o senso comum sempre associado de modo negativo, ligado ao mau agouro, à morte, na Índia é o mensageiro da morte, enquanto no Japão é um mensageiro divino. Em certas culturas o corvo é visto com bons olhos, para os tcheus “uma ave de bom agouro, anunciadora de seus triunfos, e sinal de suas virtudes” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 294), é símbolo de esperteza, detalhes, reconhecimento do que pode ser melhor. Ainda há a concepção de símbolo da solidão, que é um traço melancólico e por se tratar de quase sempre um “isolamento voluntário” associamos à intelectualidade, que durante muito tempo era a marca da intelectualidade. O intelectual vivia isolado, nem sempre ou quase nunca era compreendido e era melancólico. Scliar em artigo postula que:

Para os gregos antigos, melancolia não era apenas uma doença. Platão distinguia duas formas de loucura: uma resultante de doença, outra de influências divinas; poderia ocorreria o mesmo com a melancolia, como sugere uma famosa passagem de Aristóteles, o Problema XXX: —Por que razão todos os que foram homens de exceção no que concerne à filosofia, à poesia ou às artes, são manifestamente melancólicos? (SCLIAR, 2009, p. 4)

O mesmo autor no livro *Saturno nos Trópicos* ressalta que a melancolia estava associada à sabedoria, o sujeito que reflete sobre a vida por isso fica contemplativo, “o tempo da melancolia intelectual é a biblioteca. Explorar o mundo real” (SCLIAR, 2003, p. 88), figuras exemplos são Dom Quixote e Hamlet, que por não compreenderem e não serem compreendidos no mundo em que viviam, tornavam-se desiludidos. Scliar aponta que no século XIX a melancolia aparece como parte inclusa do cotidiano e na modernidade o termo torna-se constante.

O corvo que pousava no ombro do eu lírico no tempo presente não mais pousa, mas percebendo a melancolia do indivíduo se comove juntamente com ele, aconselhando o eu lírico a não desanimar, porque toda essa tristeza não há de ser nada, há outras para vim e alegrias também que podem ocorrer no futuro. A ação de afagar, abraçar, solidarizar-se é quase que humanizar o corvo ou diminuir a diferença entre os seres, em que ambos se reconhecem e se compreendem. Finalizando o poema “Flor de Junho” o eu lírico revela

(...) E o Corvo Nunca Mais

me pousa no ombro. E, vendo a comoção
lavrando-me, me afaga e me diz: “Não
há de ser nada- amanhã tem mais”. (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65).

Chevalier e Gheerbrant nos diz sobre a representação do corvo que “seria, igualmente, um atributo da esperança, pois o corvo repete sempre, segundo Suetônio, *cras, cras*, i.e. ‘amanhã’, ‘amanhã’ (TERS *apud* CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 295). O corvo que Suetônio diz repetir sempre o “amanhã” no

poema espinheiriano aparece pelo “fantástico” falando “Não há de ser nada- amanhã tem mais”, numa atitude que denota o já dito, melancólico mas não saudosista, corvo que penetra sem perder o segredo, eu lírico que vive no eterno ciclo: passado, presente e futuro, sem se esquecer que a flor é do mês de junho, que tem 30 dias, ou seja, durante 30 dias há um novo amanhã e é o mês de junho, e nos anos sempre haverão mais 30 dias do mês de junho, o ir e retornar, o passado sempre presente.

O poema “Soneto Noturno” publicado no livro *Sob o Céu de Samarcanda* (2009) como o próprio título já conduz trata-se de um soneto, com 14 versos, quatro estrofes, sendo dois quartetos e dois tercetos. O poema é decassílabo com rimas emparelhadas AABB CCDD EEF FGG, no sentido de rimas emparelhadas. O poema sugere o tom de noite, escuro, solidão talvez, ensimesmamento, um soneto noturno.

O eu lírico inicia declarando “Penso na noite como um rio profundo/ e lembro coisas deste e de outro mundo” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28), comparando a noite a um rio em que o mistério reina; noite que apresenta duplo aspecto, ao mesmo tempo em que é a escuridão, é a esperança no amanhecer, assim como o elemento rio tem duplo sentido, pois pode ser vida como morte, é a mudança, o constante ir e vir das águas.

Outro dado citado é a lembrança, quando o eu lírico diz se lembrar de coisas deste e de outro mundo, associamos ao presente e passado assim como mundos que podem ir além da imaginação, visto que na noite os sonhos podem levar a outras dimensões de mundos. O sujeito poético acrescenta comentando que há outro mundo e outros mundos, no plural, pois a vida é vasta e diversa. O poeta baiano trabalha por intertextualidade com o poeta português Fernando Pessoa, para quem a vida é breve e a alma é vasta. O eu lírico espinheiriano revela “e lembro coisas deste e de outro mundo./ Outros mundos, aliás, que a vida é vasta/ como diversa” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28). Continua dizendo que mesmo nessa amplidão não basta, sendo necessárias outras vidas vastas.

A segunda estrofe traz um tom melancólico ao refletir sobre a existência humana, se pensarmos no viver como ciclo de passado, presente e futuro, notamos que “o eterno retorno é uma tentativa de unir os dois princípios antinômicos da felicidade: ou seja, o da eternidade e o do ‘mais uma vez ainda’.” (BENJAMIN, 1997, p. 174), por isso o eu poético afirma que uma vida diversa ainda é pouco,

E mesmo assim não basta,

o que nos faz tecer ainda outras vidas

nas nuvens da alma, e que nos são vividas

com tanta força quanto as outras mais,

em seus sonhos de agora e de jamais (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28).

O elemento sonho faz presente em toda a lírica de Ruy Espinheira Filho, com vários poemas tratando essa temática assim como o próprio livro *Sob o Céu de Samarcanda* já revela esse tom do imaginário, do além, da criação. O eu lírico vive cada vida com os sonhos do presente e com os que nunca ocorreram em

sonhos ou em possível realidade. O sujeito contemplativo, que se ensimesma com a vida, regido pelo planeta Saturno, que é considerado o planeta melancólico, dos anéis que rodam o tempo todo ao redor, num contínuo ir e vim, passado, presente, futuro, passado. Em relação a algumas características melancólicas Mendes nos aponta que:

Se Saturno é o senhor da contemplação e, ao mesmo tempo, da apatia, vemos que a simbologia astrológica encontra-se em perfeita harmonia com as reflexões filosóficas e psicanalíticas. De um estado de torpor, tristeza, auto-comiseração, ego ferido, mesclados a um constante pensar, dentre outras características, percebemos que a melancolia configura-se de forma semelhante seja em que campo estiver. (MENDES, 1999, p. 118)

No primeiro terceto do poema, o sujeito lírico concorda que o sonho é uma forma de vida, remetendo ao título, um soneto da noite e para a noite, tempo rico em virtudes da existência. Conforme já explicitado por Baudelaire o *spleen* é um sentimento associado à melancolia, sentimento que ocorre frente ao mundo caótico em que os seres habitam. O eu lírico no poema em estudo não é diferente, não é à toa que a noite é o seu alento, o sonho é o seu refúgio, e a reflexão é seu agir. Benjamin em relação à obra de Baudelaire cita que “o *spleen* é o sentimento que corresponde à catástrofe em permanência” (BENJAMIN, 1997, p. 154), para o eu lírico os sonhos são sonhados com mais força, “(ou melhor: com mais força, pois que estamos/ ainda mais vivos no que nos sonhamos)” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28).

O eu poético ainda na terceira estrofe compara a noite com um mar sem fim, como já havia comparado ao rio profundo, o elemento água fica visível, ele nos diz que “Penso na noite como um mar sem fim/ quebrando sombras sobre o cais de mim” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28), numa junção entre o último verso da terceira e o primeiro verso da quarta estrofe. Mar que assim como o rio, águas possuem dualidade em sentidos, podendo ser o início ou o fim da vida, uma vez que todas as águas correm para o mar, podendo ser águas calmas ou de impasses. O mar sem fim quebra sombras, que geralmente é associada à morte e/ou a natureza, e o cais que quase sempre é o porto seguro, o local para se recorrer. No mar infinito o cais é o próprio homem com suas inquietações, que pode ser associado ao mar agitado.

Finalizando o soneto com toda a melancolia, o sujeito lírico conclui “E, enfim, sem esperanças e sem prece,/ pressinto a noite que não amanhece” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28). A noite não acaba, o sujeito vive a escuridão noturna, sem preces, sem esperança no que pode acontecer, contemplando a vida e a noite. Quanto a melancolia e a contemplação do perdido, nem sempre esclarecido para o melancólico, Marques ressalta que

Na melancolia, entretanto, o sujeito reluta em renunciar ao objeto perdido, se opõe a isso por meio de uma atitude contemplativa. Atitude que problematiza o puro ativismo e se detém sobre uma história dolorosa, propiciando a persistência do passado e o retorno do objeto perdido. Daí que o melancólico seja acometido de inspirações e visões, de fantasmagorias (MARQUES, 1998, p. 167).

3. Considerações Finais:

Estes dois poemas de Ruy Espinheira Filho fazem parte de um corpus maior de poemas que serão analisados pela perspectiva da memória e da melancolia na dissertação de mestrado, mas este trabalho é uma pequena parte do que será estudado com mais profundidade.

Reconhecendo a existência do elemento melancólico na lírica de Espinheira Filho é possível perceber nos sonetos analisados que a melancolia própria da contemporaneidade aparece com força latente, sendo o eu lírico um sujeito que se vale do passado para contar sua trajetória e ao mesmo tempo fica preso aos impasses existentes e até então não solucionados.

Comparando os dois poemas estudados, percebemos se tratar de dois sonetos escritos em anos diferentes, mas ambos são frutos da contemporaneidade, do mesmo autor e da mesma atitude que cerca os poetas modernos, que vivem na tumultuada sociedade capitalista atual, tendo na lírica espinheiriana o forte traço melancólico, e por vezes, mnemônico, em que o passado é a mola impulsadora do criar/refletir humano e do lirismo de Ruy Espinheira Filho, deixando claro que o eu lírico não é nostálgico, saudosista, mas reconhecedor do seu passado e revisitando o vivido ou o deixado de viver, o sujeito poético vive, constrói sua história, sua existência, ainda que de modo melancólico.

Referências:

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Obras Escolhidas III. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1997.

CESAR, Elieser. Elieser Cesar entrevista o poeta Ruy Espinheira e comenta sua obra poética. Poesia da mágoa desertada. In: **Jornal A tarde** (14.11.1998). Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/1ecesar.html>> Acesso em 27 de setembro de 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Coordenação Carlos Sussekind. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 14ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. **Poesia reunida e inéditos**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. **Elegia de Agosto e outros poemas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. **Sob o céu de Samarcanda: poemas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/ Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917). In: **Novos estudos**, nº 32, março de 1992, p. 130-142.

MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org.). **Modernidades tardias**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 157-171.

MATOS, Olgária. A melancolia. In: **Leia**, nº 103, maio de 1987, p. 16-17.

- MATOS, Olgária. A melancolia de Ulisses: a dialética do Iluminismo e o canto das sereias. In: NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Funarte/ Companhia de Letras, 1995, p. p. 141-157.
- MENDES, Marise Pimentel. A tragédia “sob o signo de Saturno”. In: **Ipotesi** (Revista de Estudos Literários). Juiz de Fora: EDUFJF, 1999, p. 362-388.
- MOSER, Walter. Spatzeit. In: MIRANDA, Wander Melo (org.). **Narrativas da modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 33-54.
- PEREIRA, Andréa Cristina Martins. Amor, solidão e melancolia nos contos inconclusos de Luiz Vilela. In: OLIVA, Osmar Pereira (Org.). **Corpo e mito: Ensaio sobre o conto brasileiro contemporâneo**. Montes Claros, MG: Editora Unimontes, 2010, p. 9-22.
- ROUANET, Sérgio Paulo. A taça e o vinho. In: —. **Riso e melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret e Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 224-248.
- SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCLIAR, Moacyr. A melancolia na literatura. In: **Cad. Bras. Saúde Mental**, Vol 1, nº1, jan-abr. 2009 (CD-ROM).

Abstract: This paper is an approach of poems "Flower in June" at this meeting and unpublished poetry book (1998) and published in the *August work Elegy and Other Poems* (2005) and "Sonnet Night" released on *Under the Sky of Samarkand* (2009). The purpose of this communication is discussed through these poems cited, specifically, and other poems espinheirianos showing that trait also melancholy, as the lyrical I acknowledge and reflect on life, the presence of melancholy poetry espinheiriana, relying often memory, but without nostalgia. The setting of the poems question the idea that memory is always nostalgic desire to return to the past, that melancholy is almost a depression, since the studies differentiate melancholia from mourning, depression, grief itself.

Key-words: Melancholy; poetry; Flower June; Night Sonnet; Ruy Espinheira Filho.